

## Indícios de uma prática exitosa na educação infantil no contexto da pandemia do Corona Vírus

### Evidences of a successful practice in early childhood education in the context of the Coronavirus pandemic

### Indicadores de prácticas exitosas en educación temprana en el contexto de la pandemia del Coronavirus

Marilene Santos<sup>1</sup> , Sandra Maria Xavier Beiju<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

#### Autor correspondente:

Marilene Santos

Email: mari.santos@academico.ufs.br

**Como citar:** Santos, M., & Beiju S. M. X. (2023). Indícios de uma prática exitosa na educação infantil no contexto da pandemia do Corona Vírus. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 16(35), e19979. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v16i35.19979>

#### RESUMO

Esse artigo abordará vivências documentadas em relatórios e interações virtuais de uma prática ocorrida em uma escola pública municipal de educação infantil, no município de Aracaju, durante o isolamento social imposto pela pandemia do corona vírus. A prática teve como objetivo fortalecer a relação pedagógico-afetiva entre professora e crianças, e delas com a instituição escolar. As interações ocorreram via WhatsApp, a partir de memórias da escola. Nesse sentido, foi desenvolvida uma pesquisa documental para análise das atividades registradas em dois relatórios e no grupo de mensagem da turma. A assertividade da estratégia utilizada pela professora aponta para os seguintes resultados: fortalecimento dos vínculos, aumento da cumplicidade e confiança entre a professora, as crianças e suas famílias, o que garantiu o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças no período de atividades escolares não presenciais.

**Palavras-chave:** Interações virtuais. Memórias Afetivas. Trabalho não presencial.

#### ABSTRACT

This article will discuss experiences documented in reports and virtual interactions of a practice that took place in a municipal public school for early childhood education in the municipality of Aracaju during the social isolation imposed by the Coronavirus pandemic. The practice aimed to strengthen the pedagogical-affective relationship between teacher and children and their relationship with the school institution. The interactions took place via WhatsApp, based on memories of the school. Documentary research was carried out to analyze the activities recorded in two reports and in the

class message group. The assertiveness of the strategy used by the teacher points to the following results: strengthening of bonds and increased complicity and trust between the teacher, the children, and their families, which ensured the children's development and learning during the period of non-face-to-face school activities.

**Keywords:** Virtual interactions. Affective memories. Non-face-to-face work.

## RESUMEN

Este artículo abordará experiencias documentadas en relatos e interacciones virtuales de una práctica que tuvo lugar en una escuela pública municipal de educación infantil, en la ciudad de Aracaju, durante el aislamiento social impuesto por la pandemia del coronavirus. La práctica tuvo como objetivo fortalecer la relación pedagógico-afectiva entre docente y niños, y entre estos y la institución escolar. Las interacciones se realizaron vía WhatsApp, a partir de recuerdos escolares. En este sentido, se desarrolló una investigación documental para analizar las actividades registradas en dos informes y en el grupo de mensajes de clase. La asertividad de la estrategia utilizada por la docente apunta a los siguientes resultados: fortalecer los vínculos, aumentar la complicitad y la confianza entre la docente, los niños y sus familias, lo que garantizó el desarrollo y aprendizaje de los niños durante el período de actividades escolares no presenciales.

**Palabras clave:** Interacciones virtuales. Recuerdos afectivos. Trabajo no presencial.

## INTRODUÇÃO

A difícil tarefa de pesquisar sobre o que fazemos como prática pedagógica no exercício da nossa profissão de professora na educação infantil, exige uma boa dose de “coragem”. Precisamos ter a coragem de acreditar no que somos capazes de fazer, de produzir, de construir coletivamente na escola, especialmente, na Educação infantil, com colegas e com as crianças, considerando as potencialidades e disposição destas para explorarem o mundo ao seu redor. Esse apresenta resultados de pesquisa documental realizada no âmbito do grupo de pesquisa Educação e Movimentos Sociais-GPEMS. E teve como objetivo sistematizar e analisar criticamente vivências pedagógicas entre crianças-crianças, e professora-famílias das crianças de uma turma de educação infantil. A prática foi desenvolvida durante um ano e meio de trabalho docente (ano letivo 2020 e primeiro semestre do ano letivo 2021) de modo não presencial.

Trata-se da sistematização de resultados relativos à prática pedagógica não presencial com uma turma de crianças (de quatro e cinco anos), desenvolvida a partir de março do ano 2020, ocasião em que fomos surpreendidas com o fechamento da escola e consequente suspensão das atividades presenciais, por Decretos do Governo do Estado de Sergipe (Sergipe, 2020) e da Prefeitura de Aracaju (Aracaju, 2020), em vista de instituir o isolamento social necessário por conta da Pandemia do “Corona vírus” e das orientações publicadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS.

O artigo está ancorado na análise crítica dos relatórios mensais nos quais a professora armazenou descrições das atividades desenvolvidas com as crianças, em acordo com a proposta da racionalidade prático-reflexiva defendida por Schön (2000); Elliot (1990). Tal proposta versa sobre a necessidade de permanente reflexão crítica da prática docente perante os desafios que o ambiente escolar produz. Bem como os “estudos do cotidiano” desenvolvidos por Alves (2019; 2003; 2001); Alves & Brandão (2017) que entendem o cotidiano como propulsor marcante nos processos de aprendizagens e desencadeador de transformações nos sujeitos e no ambiente escolar.

As interações pedagógicas implementadas tiveram ainda o amparo nas legislações vigente que deliberam sobre a educação infantil, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI. Para nós a criança é um

sujeito pensante, criativo e com múltiplas potencialidades, portanto as nossas propostas de trabalho com elas, devem tomar como referência o estabelecido no Artigo 4º das Diretrizes, conforme destacamos abaixo:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2009).

O material que compõe o corpus de análise desse texto são os relatórios de atividades não presenciais encaminhados à coordenação da escola e as interações (mensagens de voz e escrita) desenvolvidas através do grupo de WhatsApp com uma turma de pré-escola composta por 19 crianças numa escola pública do sistema municipal de ensino de Aracaju /SE. O texto está organizado em sessões nas quais apresentamos um relato descritivo e reflexivo sobre as propostas de trabalho apresentadas e realizadas com as crianças, tendo seus familiares como interlocutores direto nas mediações.

### **NO INÍCIO ... O SUSTO, O CAMINHAR**

Atuando como professora de crianças de três anos de idade nessa escola, desde o ano 2013, a pedido das mães e, também, por interesse de experimentar uma nova experiência didático-pedagógica, em 2020, a professora decidiu acompanhar as crianças do ano letivo passado (2019). Foi assim que, com o advento da pandemia, em 2020, ela e as crianças ingressantes na escola seguiram juntas no ciclo de três anos da Educação Infantil: 3 anos/2019; 4 anos/2020 e 5 anos/2021.

A turma foi formada por 19 crianças: oito meninas e onze meninos. Desse total, dezoito crianças participaram do processo de interação comunicativa, que transcorreu via: mensagens de voz; chamadas de vídeo; vídeos, registro fotográfico e sala de vídeo (bate-papo). Apenas uma criança nunca participou de nenhuma interação, em razão de mudança residencial da família, fato confirmado por meio de visita *in loco*, feita por uma cuidadora da escola. O principal equipamento utilizado no processo de interação com as crianças foi o aparelho de celular, visto que somente duas famílias possuíam computadores em casa.

Foram oito dias/manhãs de encontros/atividades na escola e veio o decreto municipal para suspensão das atividades presenciais. Isso aconteceu no dia 18 de março de 2020. Foi um susto grande. Então, pensou-se: o que fazer agora com as crianças? Uma coisa era certa, a professora não poderia “sumir” da vida das crianças, as interações afetivas/educativas tinham que prosseguir. Era necessário encontrar alternativas para manter o vínculo das crianças com a escola, nesse novo “espaçostempos” da rotina escolar (Alves & Brandão, 2017; Alves & Ramos 2022). No meio educacional, já se falava do ensino remoto como única alternativa, naquele momento, para garantir o funcionamento da escola (Hodges *et al.*, 2020; Ferreira *et al.* 2022), entretanto, não era a alternativa cogitada para a educação infantil. O Conselho Nacional de Educação – CNE, emitiu o Parecer do CNE n.º 5/2020, orientando sobre o funcionamento das escolas durante a pandemia, referendando o ensino remoto como uma alternativa, mas para as escolas de educação infantil orientava a:

No sentido de contribuir para minimização das eventuais perdas para as crianças, sugere-se que as escolas possam desenvolver alguns materiais de orientações aos pais ou responsáveis com atividades educativas de caráter eminentemente lúdico, recreativo, criativo e interativo, para realizarem com as crianças em casa, enquanto durar o período de emergência, garantindo,

assim, atendimento essencial às crianças pequenas e evitando retrocessos cognitivos, corporais (ou físicos) e sócio emocionais (CNE, 2020, p. 9).

Já havia um grupo de WhatsApp com as mães de todas as crianças da turma desde o ano letivo 2019: mãe, avó, pai – estavam neste grupo, o familiar com o qual a criança interagia também em casa. Nesse contexto de imenso desafio, começou-se a pensar o que se poderia utilizar como lastro de sustentação para uma interação educativa virtual, via grupo de WhatsApp, com crianças de 04 anos, pois essa era a ferramenta tecnológica disponível para a professora e para as famílias e suas crianças.

Compreendia-se que a escola não poderia ser transferida para a casa de cada criança e tampouco alguém da família desempenharia o papel de professora domiciliar. Como aprendemos em Freire (1996, p. 52), “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos [...]”. nesse sentido a professora sempre considerou as crianças, com as quais trabalha, como sujeitos do processo educativo escolar, e também aprendeu, com o mesmo teórico, que a prática educativa não pode e nem deve ser “espontânea”, tampouco pode ser neutra. Ela deve ser construída com todos os sujeitos partícipes (famílias das crianças e comunidade), e deve ter diretividade e qualidade político pedagógica, visto que o objetivo desta prática é alcançar a “autonomia e emancipação dos sujeitos”. É a humanização da sociedade, tornando-a um lugar melhor para crianças e pessoas adultas viverem, além dos outros seres vivos. Nesse sentido, foi o mesmo Paulo Freire que nos inspirou, com esperança, para buscar alternativas e seguir trabalhando com as crianças, nas condições adversas impostas pela pandemia, conforme destaco “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos resistir aos obstáculos à nossa alegria [...] A esperança faz parte da natureza humana. (Freire, 1996, p. 80)

A escola de educação infantil terá sempre uma grandiosa tarefa social a cumprir: reafirmar a contribuição emancipatória da instituição escolar, mediante práticas que concebam a criança enquanto ser/sujeito pleno de capacidades e potencialidades criativas de aprendizagens e que estas sejam desenvolvidas, fundadas na construção da autonomia cognitiva, da segurança emocional, da solidariedade coletiva, da alegria, do respeito, da responsabilidade social/ambiental, da liberdade e da consciência de classe. Identificando-se com Freire, nessa concepção político-pedagógica “[...] é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência” (Freire, 1997, p. 10).

Frente à impossibilidade de realizar atividades escolares regulares e imbuída na concepção freireana, a professora começou a pensar em estratégias que possibilitasse a continuidade do trabalho com as crianças, mesmo no distanciamento. Havia tido apenas 08 dias de atividades presenciais, na escola. Como explicar para as crianças pequenas essa interrupção brusca, na rotina que elas já tinham desde o ano anterior? Esse foi o primeiro desafio posto para a professora. Medos, incertezas, dúvidas, era o que nos acometia, mas e as crianças, obrigadas ao confinamento, muitas só saíam de casa para irem à escola, como ficariam? O que estariam pensando sobre essa nova situação que os obrigava ao confinamento?

No dia 19 de março, foi feito o primeiro contato via mensagens de voz, dirigida às crianças, explicando o motivo de não poderem se encontrar na escola. Nessa mensagem, a professora perguntava se já sabiam algo sobre o “Corona vírus”; o que elas estavam assistindo na televisão; o que já ouviam dos pais sobre esse assunto (corona vírus). Foi a partir desse momento que a interação se iniciou diariamente, no grupo da turma, quase sempre por mensagens de voz: professora enviava uma saudação, perguntava como estavam e sobre o que gostaria de conversar. O retorno ocorria por parte das mães na maioria das vezes, e pelas crianças num quantitativo menor

de vezes. Nunca era logo depois de receber a mensagem da professora. Muitas vezes, somente no dia seguinte tinha-se algum retorno.

Em média, ocorreram retorno de 3 a 5 crianças por dia. Houve crianças mais participativas, por serem também mais estimuladas pela família, por terem condições mais favoráveis: presença da mãe mais tempo em casa, ou outra pessoa adulta, como tia, irmã mais velha, e que dispunham de celular e internet para estabelecerem a conversa. Entre as crianças e suas famílias, havia as que se encontravam em condições de maior dificuldade de sobrevivência, inclusive enfrentando insegurança alimentar, e de “exclusão digital”. A ocorrência da pandemia desvelou mais um elemento marcante de exclusão social no nosso país: a digital, conforme constatado por diversos autores (Teixeira Kanashiro, 2021; Pereira, 2022; França & Furlin, 2023). Mais da metade da turma só contava com um único aparelho de celular em casa: o aparelho da mãe, que por vezes não tinha, todos os dias, e há qualquer momento, acesso à internet. Tivemos também as situações que a mãe precisava sair para trabalhar, então a criança somente tinha acesso ao celular para interagir no grupo, sábado à tarde e domingo durante o dia.

Entretanto, é importante destacar que todas as crianças participaram do processo de interação comunicativa, umas com maior frequência e intensidade, o caso de crianças com as quais falamos mais de uma vez ao dia, outras com menor intensidade. Estas últimas, quando não havia retorno pelo grupo, estrategicamente fazia-se o contato individual com a família e estimulava a participação, respeitando os limites e as condições familiares. Houve relatos de problemas com o aparelho celular, falta de acesso à internet e dificuldade de adequação ao horário de trabalho. A desigualdade de acesso aos meios tecnológicos foi evidenciada no decorrer da pandemia, principalmente no âmbito da educação, que dependeu dessa tecnologia para garantir o direito educacional às crianças, jovens e adultos desse país. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua TIC/2019 mostrou que 12,6 milhões dos domicílios brasileiros não tinham internet em 2019. Em Sergipe, a pesquisa aponta que 76,7% dos domicílios tinham acesso à internet no mesmo período (IBGE, 2019).

O outro instrumento utilizado para acompanhamento, análise e avaliação do trabalho docente foram os relatórios de atividades não presenciais. Esses relatórios eram produzidos mensalmente para acompanhamento do desenvolvimento das crianças pela professora, entretanto, com o advento da pandemia, passaram a ser uma exigência da Secretaria Municipal de Educação para monitoramento do trabalho docente. No período de atividades não presenciais foram elaborados 10 relatórios descritivos das atividades pedagógicas. Sendo seis no ano letivo 2020 e quatro no ano letivo 2021. No segundo semestre do ano 2021 ocorreu o retorno as atividades presenciais na escola, precisamente em 13 de setembro de 2021.

Para a abordagem desse artigo, trataremos somente da análise de dois (02) relatórios sendo: o primeiro e o último relatório de atividades não presenciais com a turma 4 anos no ano letivo 2020. A utilização desse tipo de material (relatórios, cartas, relatos, etc) tem sido muito comum em pesquisas referendadas nos estudos do cotidiano (Alves & Brandão, 2017; Araujo *et al.*, 2021). A delimitação nos dois referidos relatórios tem a ver com a necessidade premente da professora construir uma compreensão reflexiva crítica sobre os desafios enfrentados na realização do trabalho docente por meio de atividades não presenciais com crianças pequenas em um ano letivo completo, nesse caso o ano letivo “assombrado” pela Pandemia da “corona vírus”. Na seção seguinte, apresentaremos o conteúdo dos relatórios junto as interações com as crianças e familiares através do grupo de mensagem WhatsApp.

## **INTENÇÕES E REALIZAÇÕES PEDAGÓGICAS: OS DITOS E NÃO DITOS NOS RELATÓRIOS**

Apresentamos dados do Relatório 01 do ano letivo de 2020, sendo composto de atividades não presenciais com a turma 04 anos A. Cada relatório foi organizado em tópicos, tendo sido

iniciados com a apresentação, o objetivo geral e os objetivos específicos para as atividades desenvolvidas no mês.

**Quadro 1 - Corpo do primeiro relatório**

Objetivos geral e específicos para 2020	Ações/realizações
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fortalecer a relação pedagógico/educativa entre professora e crianças a partir do resgate de “memórias afetivas” da escola, visando o cultivo do sentimento de pertença a um grupo social diferente do familiar, bem como a manutenção do vínculo da família e sua criança com a instituição escolar.</li> <li>- Garantir às crianças o acesso a informações/explicações adequadas à compreensão delas, sobre a razão pela qual as atividades escolares foram suspensas – PANDEMIA causada pelo “Corona vírus”.</li> <li>- Estreitar laços de confiança e respeito com familiares, visando obter apoio no processo de interação comunicativa com as crianças, via grupo de ‘WhatsApp”.</li> <li>- Construir uma rotina de contatos diários com as crianças, por meio de diálogos sobre as vivências pedagógicas acontecidas na escola, no ano letivo 2019.</li> <li>- Compartilhar com e entre as crianças as vivências de cada uma em casa, durante o tempo da suspensão das atividades por conta da PANDEMIA do “Corona vírus”, visando manter o vínculo da turma, sentimento de amizade entre elas e sentimento pertencimento a um grupo social – escola e sentimento de confiança na relação com a professora.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resgate das atividades e vivências pedagógicas realizadas ano letivo 2019.</li> <li>- Utilização do grupo de WhatsApp.</li> <li>- Envio de mensagem em áudio para as crianças através do grupo de WhatsApp.</li> <li>- Postagem de fotografias das crianças em atividades na escola no ano 2019.</li> </ul>

A ocorrência da suspensão das atividades escolares presenciais, tomou todo mundo de surpresa. Primeira indagação nossa: o que faremos com as crianças? Como nos manter próxima delas e dando continuidade ao processo pedagógico/educativo? A partir desses pensares, foi iniciado um exercício de resgate das atividades e vivências pedagógicas realizadas ano letivo 2019, daí nasceu o “fio orientador” do nosso processo interativo virtual. Válido ressaltar que o conteúdo desse processo está fundamentado nas normativas e legislação vigentes para a Educação Infantil, desde as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil – DCNEI, até a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, como já era o planejamento implementado no ano letivo 2019, além de observar o disposto na Resolução CONMEA 01/2020. Nesse sentido, foram e têm sido feitas conversas orientadoras com as famílias e com as crianças para efetivar o resgate das “memórias afetivas” das crianças, em relação às vivências/experiências na escola.

A seguir, algumas das “perguntas”, sem expectativa de respostas prontas, mas com a intenção de desafiar as crianças a falarem sobre suas lembranças/memórias e seus sentimentos a respeito do primeiro ano de permanência na nossa escola, uma vez que ingressaram na escola, aos três anos. As questões, precedidas de uma saudação, foram enviadas em áudio pelo grupo de WhatsApp. Quando não ocorreu retorno no grupo, eram enviadas no individual. “Olá, crianças, hoje vamos conversar sobre o quê? O que vocês estão fazendo em casa nesse momento?”

## Quadro 2 – Questões/perguntas para as crianças

### Algumas questões enviadas para as crianças

1. Vamos lembrar a nossa turma? Quem somos nós da turma 4 anos “A”? Quem lembra os nomes e rostos dos colegas da turma?
2. E como é nome da nossa escola? Como é nome da sua professora?
3. Quem lembra o que fizemos na escola, no ano passado, nessa época? Fizemos plantios de algumas plantinhas? Quais?
4. Quem lembra a “Roda de acordar o corpo” no pátio todas as manhãs? O que vocês mais gostavam de fazer nessa Roda?
5. Quem lembra as nossas músicas cantadas todos os dias, na escola?
6. Qual a sua música preferida daquelas que sempre cantamos na escola? Quem poderia cantar para a professora, e mandar a gravação de áudio? Ficarei muito feliz.
7. Quais as árvores adultas, grandes que temos na nossa escola? Alguém lembra os nomes? Tem alguma árvore na nossa escola que dá “frutas”? Quem lembra? Quem já colheu e comeu a fruta da nossa árvore?
8. Quem gostaria de desenhar alguma das nossas árvores da escola?
9. Quem lembra de um alimento gostoso que preparamos na sala? Pista 1. Fazemos com uma farinha de sementes que todo mundo na turma já conhece, e nós já plantamos na escola, e vocês plantaram nos vasinhos e levaram o “pé” para casa. Pista 2. As sementes são amarelas.
10. Fizemos massinha de modelar na sala. Quem lembra como fizemos? Usamos quais ingredientes? Será que vocês conseguem preparar em casa, com ajuda de alguém da família?
11. Na escola tem animais? Quem lembra os “bichos” que vimos por lá, no ano passado? Tem bicho que voa? Tem bicho com penas? Tem bicho que vive embaixo da terra? Bicho que morde?
12. Nossa escola tem plantas com flores? Nós plantamos plantas que dão flores? Quem lembra o “Jardim do menino azul” que iniciamos na porta da sala de aula?
13. Quem lembra dos passeios que fizemos de ônibus, saindo da porta da escola? Para onde nós fomos?

Essas foram as “perguntas” transmitidas por mensagens de voz, para estimular a memória afetiva das crianças, e conectá-las às alegrias e conquistas que vivenciaram na escola no ano letivo 2019. Como afirmam Lima & Andrade (2022) em relação à importância da memória no desenvolvimento humano:

A atividade da memória consiste na aparição, na consciência humana, de cenas vividas anteriormente e que nem sempre têm relação com um motivo novo para a sua reprodução. Já na atividade da imaginação, que está estritamente relacionada com a atividade da memória, quando opera com as imagens anteriores se diferencia por ser uma atividade criativa, fazendo surgir novas combinações (Lima & Andrade, 2022, p. 1227).

Estimular as crianças a relembrar suas vivências na escola (lugar proibido de estar naquele momento por conta do isolamento social imposto pela pandemia) era manter, alimentar a vontade de para lá voltar, retornar.

As perguntas foram enviadas durante um mês. Além dos áudios, foram utilizados recursos como: fotografias que registraram as atividades vivenciadas em 2019; fotografias das plantas, árvores, livros de literatura infantil com os quais as crianças tiveram contato, vídeos musicais pesquisados na internet, com o repertório musical trabalhado na escola; áudio de contação de história; áudio com declamação de poemas e poesias, áudios feitos pela professora com declamação de textos rimados – os mais apreciados pela turma.

As estratégias de trabalho foram sempre alicerçadas no respeito ao momento da criança, sua disposição para participar, conversar, por entendermos que não era possível transferir a escola para a casa das famílias, e ainda por entender a importância do trabalho pedagógico presencial com a primeira infância. Também foram consideradas as necessidades e condições de disponibilidades das mães e/ou pais para o momento: dia e horário dos contatos. Os contatos não se efetivam apenas

por uma ou outra postagem no grupo; é necessário que se desenvolva uma interação dialógica persistente, visto que esse contato virtual é uma prática nova e imposta por uma circunstância alheia à nossa vontade.

A estratégia foi enviar uma “pergunta” por semana, e a partir dela, prosseguimos com mais conversas visando estimular a participação das crianças e o resgate das memórias afetivas, em cada uma. As crianças se manifestavam de acordo com a sua personalidade, mas, no geral, todas expressavam em suas falas, seja via mensagens de voz ou via chamadas de vídeos, sentimentos de muita saudade das vivências escolares. Falavam de saudades dos “coleguinhas”, de brincar na escola, de plantar na área/quintal da escola, da saudade da professora e, da vontade de voltar à rotina de ir à escola todas as manhãs.

Essa experiência revelou novos conhecimentos sobre cada criança da turma, na sua individualidade/personalidade, no processo criativo e reativo quando desafiadas (Girardello, 2020). De repente descobrimos que uma criança muito participativa nas atividades presenciais, não gostava de participar no grupo, nem mesmo por mensagens de voz. A professora recebeu no grupo uma mensagem dessa criança, que segundo ela veio com: “uma voz quase inaudível, sem energia. Então, tomei a iniciativa de conversarmos individualmente e reconheci a mesma criança falante e alegre do final do ano eletivo. Perguntei: Por que você fala muito baixinho em mensagem no grupo? Ela respondeu: não gosto, professora, só gosto de falar com você sozinha”. Importante ressaltar que, as particularidades e individualidades das crianças, foram respeitadas, diante do contexto que estavam todos vivenciando. Anjos & Francisco (2021) já alerta que na educação infantil [...] “o uso de TDIC tem sido apontado com parcimônia, por se entender que o desenvolvimento integral da criança se dá a partir do uso e do domínio do próprio corpo” (Anjos & Francisco, 2021, p. 128).

As temáticas abordadas estiveram voltadas ao resgate da memória afetiva das crianças na escola, mas, também, as próprias crianças pontuaram temáticas da ordem do dia: “corona vírus”, uso de máscaras, uso de álcool gel, “lockdown”, bichinho de estimação. Muitas vezes, recebemos mensagens de retorno sem relação alguma com o tema apresentado a elas, mas, na nossa relação de respeito, tudo que as crianças quiseram falar e apresentar foi respeitado e considerado com sua devida importância. Era o cotidiano vivido, a realidade da vida prática das crianças constituindo as ações pedagógicas, entrando no currículo naquele momento (Alves, 2003).

O quadro 3 traz registros das conversas entre crianças e professora enviada por mensagens de voz no grupo do WhatsApp, em resposta às questões encaminhadas semanalmente. As falas nem sempre expressam o que havia sido enviado como questão, mas o que as crianças quiseram falar no momento no qual ocorreu a interação comunicativa. Considerando a questão ética e de preservação da identidade das crianças, utilizaremos um formato de registro que expressa o jeito e alguns traços da personalidade e gostos delas.

**Quadro 3 – Fala de crianças no contexto da PANDEMIA do “Corona vírus”.**

Data	Forma de interação	Criança	
06/04/20	Mensagem de voz via WhatsApp	Menino Jornalista	<ul style="list-style-type: none"> <li>– “Oi professora, bom dia! (voz firme, expressando alegria).</li> <li>– Professora, professora, vai ter “loquidau” aqui. Vai fechar tudo, vai fechar mercearia, vai fechar escola. É para acabar a “corona vírus”, logo!</li> <li>– Tchau, professora, beijo.</li> </ul>
13/05/20	Mensagem de voz via WhatsApp	Menina Natureza (Respondendo mensagens de	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Tá professora, mas tá todo mundo bem, minha vó tá bem, também minha irmã (silêncio),</li> <li>– Tô professora, é porque eu não gosto de ficar toda hora em casa.</li> </ul>



		voz da professora)	– Use máscara, quando sair, viu professora”!
09/07/20	Sala de vídeo criada pela professora	Menina Árvore (Participando da “Sala de vídeo”)	<p>– Já na “sala de vídeo”, pergunta a sua mãe: – quando vai começar essa “live”?</p> <p><b>A mãe responde:</b> – já começou, você está falando com a sua professora”.</p> <p>Criança: Ah!</p> <p><b>Professora pergunta:</b> e aí crianças, vocês estão se alimentando direitinho? Tem que comer comida que a mamãe faz, para ficarem fortes e ninguém adoecer. Já se alimentaram, agora à noite?</p> <p>– Não, eu ainda não comi, só vou poder comer, quando acabar essa “live”!</p>

A metodologia de “Sala de Vídeo” foi utilizada por duas vezes. A professora avaliou a reação e participação das crianças que conseguiram entrar: primeira vez foram oito participantes, na segunda vez foram apenas quatro, mesmo assim, uma criança ficou sem conexão de internet, logo no início da conversa. Essa criança disse depois: “não quero mais participar dessa *live*, não, professora”. E quando a professora perguntou por que, a resposta foi: “não dá pra eu falar”. Na primeira vez, foi observado que as crianças mais falantes acabaram por inibir as mais tímidas. As mais falantes buscavam o tempo todo “monopolizar” a atenção da professora.

O objetivo de fazer uma “Sala de vídeo” foi: possibilitar as crianças um encontro entre elas mesmas, fortalecer as amizades, o vínculo de grupo da turma. E foi estimulado que conversassem entre si inspirado em Stange, et al. (2019). Não voltamos a utilizar esse recurso metodológico. Optamos por manter as conversas por mensagem de voz, no grupo, ou individualmente. Priorizamos considerar os interesses e necessidades reveladas pelas crianças, nas suas falas, ou nos seus silêncios. Não utilizar a metodologia de “sala de vídeo” ou “*live*”, como diziam algumas crianças, foi uma opção que teve por intenção pedagógica evitar a exclusão (por dificuldades várias: internet de qualidade, espaço físico em casa para entrar na sala virtual) de crianças na participação dessa atividade. Nesse sentido, foram intensificadas as trocas de mensagens no grupo e individualmente para reafirmar e fortalecer os afetos e a vontade de estar juntas: crianças e professora.

### PRÁTICA PEDAGÓGICA: OBSERVAR, COM ZELO, AS REAÇÕES DAS CRIANÇAS

Como já mencionado, esse trabalho virtual com as crianças se fundamentou na necessidade do resgate das “memórias afetivas” do ano letivo 2019. Para além desse acervo memorial, foram juntadas as temáticas manifestadas pelas crianças: “corona vírus”, máscaras, álcool gel, bichinho de estimação, aniversariantes do mês e fazeres de casa. Todas as crianças foram homenageadas no grupo no dia do seu aniversário, com postagem da sua fotografia, com música, com vídeo. Essa ação foi muito marcante, as crianças expressaram muita alegria, por meio de mensagens de voz, além de chamada de vídeo da professora.

Registros fotográficos de atividades vivenciadas no ano letivo 2019 foram as principais ferramentas para produzirmos os nossos conteúdos de trabalho. Nesse sentido, para cada “pergunta” enviada por mensagens de voz, ao grupo de “WhatsApp” também seguia uma fotografia: assim temos fotografia com o mural dos nomes das crianças da turma; do painel decorativo no qual aparece o nome da escola e outras fotografias de atividades do ano 2019

partilhadas pelas mães das crianças. A leitura dessas fotografias deveria ser feita, junto a cada criança, pela mãe ou outra pessoa da família. O trabalho seguiu nessa estratégia. O retorno das crianças sobre as fotografias foi interessante e envolvente. Crianças que não se manifestaram no grupo fizeram ligação de vídeo para conversar sobre as fotografias postadas. Situação que faz jus ao que as teorias da infância preconizam sobre a diversificação de atividades para garantir o pleno desenvolvimento das crianças (Silva, 2022; Silva et al., 2012).

Outra estratégia utilizada para o resgate das memórias afetivas foram os vídeos pesquisados na internet, com músicas do repertório cantado na escola e compartilhado no grupo da turma; a exemplo de: Dona Árvore; Era uma Vez; As Sementes, Emília, o Pato. Poemas de Cecília Meireles – Leilão de Jardim – áudio e declamação em vídeo. Bem como vídeos com fotografias da turma no mês de junho. Com o apoio da mãe de aluno da turma, que domina ferramentas digitais, foi produzido e compartilhado, no grupo, um vídeo com fotos da Festa Junina/2019, na escola. Uma atividade que trouxe a participação da família não apenas como auxiliar da escola no momento do isolamento social, mas o protagonismo na definição e elaboração das ações pedagógicas. As crianças ficaram muito felizes ao se verem nas imagens, se sentindo valorizadas, importantes para a escola.

Para o mês de julho, foi planejado para a escola trabalhar com poemas infantis, da escritora Cecília Meireles. A professora participante dessa pesquisa copiou o poema “Colar de Carolina” em uma cartolina com letras bastão grandes, afixou na parede de sua casa, fotografou e postou no grupo. Enviou também um vídeo com o mesmo poema musicalizado. O retorno das crianças ficou muito aquém do esperado, segundo a professora, visto que, apenas três crianças interagiram no grupo a partir desse poema e a autora Cecília Meireles fazia parte das “memórias afetivas” do ano letivo 2019, pois o livro *O menino Azul* e o poema “Leilão de jardim” foram lidos, declamados, desenhados, em homenagem ao aniversário da escritora no mês de novembro.

No dia 12 de agosto, na ocasião da entrega do *kit* alimentação escolar – uma ação da Secretaria Municipal de Educação, que, após certa demora, passou a distribuir entre as famílias os ingredientes que seriam consumidos no mês na alimentação escolar, se a escola estivesse em funcionamento presencial. As professoras eram convidadas pela coordenação da escola para estarem presentes na escola tanto para auxiliar na entrega do *kit* alimentação como para interagir como as mães, enviar alguma atividade, etc.

A professora da turma 4 anos “A” entregou a cada mãe um “*kit* memória afetiva” da escola, para as crianças da turma. Nele continha: tubete pequeno com sementes de milho, feijão e girassol, em razão de serem sementes plantadas na escola, pelas crianças, no ano letivo 2019; canudos de plástico; elástico fino dourado, para as crianças fazerem pulseiras de canudos; algumas guloseimas; bolas de assopro e uma carta, falando de saudades. A orientação para as mães foi: fazer a leitura da carta com a criança, assistir a criança picotar os canudos e enfiar no elástico, criando a sua pulseira. Os meninos também receberam o material para a pulseira, sendo orientados a fazerem para a mãe, avó ou irmã, caso não quisessem fazer para si mesmos. O retorno das crianças foi pedagogicamente importante e especialmente emocionante. Houve muitas mensagens de voz no grupo da turma expressando alegria e agradecimento pelo “*kit* memória afetiva” que receberam. Houve chamadas de vídeo para mostrarem a pulseira que haviam produzido com os canudos e o elástico. Na sequência dos dias do mês, as crianças comunicavam sobre terem feito os plantios das sementes, principalmente as de milho e de feijão. As mães postaram fotografias das plantinhas germinando e crescendo nos vasinhos. Do total da turma, dez crianças fizeram os plantios com ajuda de familiares. As crianças que não conseguiram fazer, as mães justificaram não terem conseguido uma porção de terra para o plantio das sementes.

Apresentamos dados do Relatório 06 do ano letivo 2020, das atividades não presenciais com turma 04 anos. Este relatório é referente às vivências do mês de janeiro/2021, sendo o último do ano letivo 2020.

**Quadro 4 – Corpo do segundo relatório**

<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias utilizadas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manter as interações pedagógicas voltadas ao fortalecimento dos vínculos e das memórias afetivas entre as crianças e delas com a escola, por meio de atividades educativas não presenciais, utilizando as ferramentas disponíveis para professora e famílias das crianças.</li> <li>- Reavivar vínculo das crianças com as árvores da praça, especialmente a amendoeira, que fica no canteiro defronte ao portão da escola.</li> <li>- Recuperar memórias sobre o entorno da escola, como a praça – lugar que a turma muito frequentou e brincou em 2019.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entrega às mães do “Kit memória afetiva da escola.</li> <li>- Rega das nossas mudas de árvores plantadas no ano 2019.</li> <li>- Envio de vídeo captando a imagem da Joanelinha, pousada no pé de abacate que plantamos em 2019 – no grupo de WhatsApp da turma.</li> </ul>

Conforme já utilizado em meses anteriores, a professora aproveitou o momento da entrega do “kit alimentação escolar” para entregar às mães das crianças da sua turma o “Kit memória afetiva da escola”. Nele, continha: guloseimas (pirulito, chocolate, chiclete, balas); um minilivro de literatura infantil; lápis temático do Natal; uma carta devidamente envelopada e com nome de cada criança como destinatário. O conteúdo da carta era uma síntese das interações pedagógicas desenvolvidas no grupo durante todo período de distanciamento. Nesse dia ocorreu algo diferente dos meses anteriores conforme relato da professora no relatório n. 6:

Coincidentemente, no dia de entrega do kit alimentação escolar às famílias, reencontramos seis crianças da turma que foram com suas mães: Menina desenhista, Menina Árvore, Menino que corre muito, Menino cantor, Menino Sorriso e Menina tímida. Foi um reencontro cheio de alegria, estavam usando máscara corretamente, conversaram entre elas, brincaram pelo pátio da escola. O menino cantor e a menina tímida, foram embora rapidamente, as mães estavam apressadas, não houve tempo para conversas nem com a professora, nem com colegas da turma, apenas um cumprimento gestual com as mãos, um aceno, e expressão de sorriso nos olhos, considerando que todas estavam usando máscara de proteção facial, ninguém viu o rosto de ninguém na totalidade (professora da turma A).

**Quadro 5 – Conversa com as crianças no reencontro na escola**

<b>Crianças/professora</b>	<b>Diálogos</b>
Professora Menina Árvore (sempre sorrindo, responde)	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Menina árvore, como você está enorme!</li> <li>– Eu já tenho 5 anos, você esqueceu foi?</li> <li>– Eu já tô mais grande.</li> </ul>
Menina desenhista Professora Menina desenhista	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Professora, veja quem veio lhe conhecer! E apresentou seu cãozinho “Xuxu”.</li> <li>– Como ele é lindo e fofo, Menina desenhista, também pequenininho. Achei que ele era maior, quando o vi pelas chamadas de vídeos.</li> <li>– Ele é pequenininho mesmo, eu também sou pequena, então Xuxu, tem que ser assim mesmo, pequenininho!</li> </ul>
Menino que corre muito Professora	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Oi professora, trouxe um presente pra você, é cheiroso. Entregou uma sacolinha com uma caixa de sabonete dentro.</li> </ul>

Menino que corre muito	<p>– Oi Menino que corre muito, como você está lindo. Está com saudades da escola?</p> <p>– Eu tô! Saiu correndo pelo pátio da escola e avisando “vou brincar”</p>
Menino sorriso	– Professora, sabia que meu gato Romeu, apanhou de um gato lá da rua? Ele ficou todo machucado.
Professora	– Que pena Menino Sorriso, você cuidou dele?
Menino sorriso	– Cuidei sim, minha mãe também botou remédio nele. Já ficou bom. Agora fica preso pra não ir mais pra rua!

Nos diálogos com as crianças, percebe-se que, mesmo com todas as dificuldades impostas pelas condições sanitárias da pandemia elas demonstravam estar se desenvolvendo emocional e cognitivamente. Expressaram alegria no reencontro com a professora, após tantos meses sem contato presencial, sem poder abraçar, sem poder beijar e por estarem no espaço da escola, mesmo que com restrição, só puderam circular no pátio aberto da entrada do prédio. Manifestavam a necessidade de contar sobre acontecimentos vivenciados em casa, as novidades do seu cotidiano, a saudade do espaço da escola. A professora registrou no relatório a continuidade daquele dia de reencontro

Após o reencontro com as crianças, fizemos a rega das mudas de árvores plantadas no ano 2019, e eis que dou de cara com uma linda Joaninha morando na folhagem do abacateiro. Fiz um vídeo captando a imagem da Joaninha e enviei no grupo de WhatsApp da turma. As crianças ficaram eufóricas com a imagem da joaninha nas folhas da nossa árvore. Queriam saber se ao voltarem para a escola, a joaninha estaria ainda morando nas folhas do abacateiro. A turma toda construiu uma relação de conexão com o espaço verde existente na escola. Eu explicava para essas crianças quando elas ainda estavam na turma de 03 anos em 2019 que aquele espaço era o “nosso quintal”: um lugar para brincar, correr, e descobrir muitas coisas na natureza, como as formigas, as abelhas, as borboletas e tantos outros “bichinhos” que moravam nele. O quintal ficou na memória afetiva que as crianças tinham da escola. Nas cartas escritas para as crianças, o quintal da escola esteve sempre presente. Isso se manifestou em vários momentos nas conversas por ligação e nas mensagens no grupo de WhatsApp (Relatório n. 6).

Há nesse registro do relatório evidências de como a professora conseguiu garantir a continuidade das atividades pedagógicas mantendo a interação, o envolvimento e desenvolvimento das crianças através da estratégia de resgate das memórias afetiva do que as crianças já haviam vivenciado na escola. Relembrar o que marcou, o que foi significativo para as crianças num cotidiano recente se constituiu em elemento fundamental no primeiro ano do isolamento social e fechamento das escolas, para a turma A de quatro anos na educação infantil.

## RESULTADOS E AVALIAÇÃO PARCIAL DO PROCESSO

A análise dos relatórios e das interações através do grupo de WhatsApp nos permite apontar alguns resultados para reflexão sobre as possibilidades do trabalho pedagógico com crianças da educação infantil. Um primeiro aspecto constatado a impossibilidade de se cogitar a escola continuar de forma não presencial em contexto de normalidade. Como já foi observado, não é possível transferir a escola para a casa de cada criança, nem o papel de mediação pedagógica

exercido pela professora, para a mãe, pai, ou algum familiar. Mesmo que os familiares tenham cumprido uma função importante de intermediadores durante o período de atividades não presenciais, as dificuldades de acompanhamento pedagógico com todos foi muito prejudicada, mesmo considerando que a estratégia de manter a memória afetiva das crianças em relação à escola produziu retornos positivos. Entretanto, não se alcançou a totalidade da turma ao mesmo tempo, ou em um mesmo dia de atividades comunicativas.

Os documentos mostraram que a preferência da quase totalidade da turma era pela estratégia de “chamada de vídeo”. Gostavam de falar diretamente com a professora, vendo-a. e o assunto das conversas era sempre sobre como se sentiam: saudade que sentiam da escola, dos coleguinhas e da professora, quando voltariam à escola. A estratégia adotada pela professora fez com que o vínculo das crianças com a escola continuasse forte, vivo, presente, mesmo a distância sem uma rotina diária característica da educação infantil.

Os contatos e interações seguiram mesmo no período estabelecido oficialmente como sendo as férias. A não delimitação entre o espaços/tempos da escola e da família gerou também um esgaçamento temporário entre essas fronteiras. O nível de participação nessas interações variou razoavelmente conforme relato da professora: “alguns dias e semanas mais intensos e outros dias e semanas menos intensos. As crianças e suas famílias decidiram o próprio ritmo nesse processo. Quando houve muito silêncio, a estratégia foi a conversa individualizada, com a família”.

Houve casos de crianças que ficaram praticamente um mês afastadas do processo de interação por falta de acesso a equipamentos e serviços de internet. Uma realidade que atingiu mais de três milhões de estudantes brasileiros (IBGE, 2022) durante a pandemia.

O acompanhamento às crianças, entretanto, ocorreu dentro das possibilidades e disponibilidades das famílias, respeitando horário de trabalho das mães, a quem, geralmente, pertenceu o número de celular registrado no grupo da turma. Nesse sentido, aconteceram chamadas de vídeo em diversos horários, inclusive aos sábados e domingos. À medida que, não seria viável pedagogicamente estabelecer uma rotina com horários fixos para essas interações. Concordamos com Tavares et al. (2021) ao afirmar que:

Enquanto professoras e pesquisadoras, somos contrárias à discussão em voga de produzir ações e processos visando à quantificação de horas e cargas didáticas, sedimentando um viés escolarizante mediado por atividades remotas, que substanciam um conjunto de produções que privilegiam uma imagem naturalizada, reificada e dominante de uma infância, sem voz, sem vez (Tavares et al., 2021, p. 89).

O que foi priorizado pela professora e acordado com as famílias, foi garantir a interação pedagógica com as dezoito crianças da turma de 4 anos “A”, processo ocorreu no período referido nesse relatório e seguiu até agosto de 2021, em dias e horários que eram adequados a rotina das famílias das crianças.

## CONCLUSÃO

A mesma turma de crianças seguiu junta com a mesma professora para o ano letivo seguinte (2021), formando a turma 5 anos “A”. Último ano letivo dessas crianças na escola de educação infantil. Elas planejaram muitas coisas para fazerem na escola, logo que fosse permitido o retorno ao trabalho presencial. Manifestavam seus desejos em mensagens de voz: brincar e correr muito na escola, fazer um piquenique na praça, cuidar das árvores da escola, subir no cajueiro e procurar a joaninha no pé de abacate.

A conclusão que chegamos, sem pretensão de fechar a questão, é que nesse período os vínculos foram fortalecidos, a cumplicidade e a confiança entre a professora, as crianças e suas famílias se

consolidou, criando vínculos mais sólidos do que ocorre normalmente nos processos educativos na educação infantil. Os vínculos construídos nessas interações pedagógicas deram pistas para o planejamento do ano letivo 2021 e para o retorno às atividades presenciais na escola.

As vivências deixaram laços afetivos consolidados. Amizade e confiança se firmaram entre professora, crianças e suas famílias, principalmente as mães, por serem as pessoas com quem mais fazia-se contatos e mediações pedagógicas para a realização das atividades propostas virtualmente. Nesse sentido, a professora relatou que buscou notícias sobre a trajetória de algumas crianças da turma na escola de ensino fundamental, na qual ingressaram no ano letivo 2022. As informações repassadas pela nova escola das crianças são bastante alentadoras e comprobatória da assertividade da professora na estratégia adotada durante as atividades não presenciais: cinco crianças aprenderam a ler ao final do primeiro semestre no primeiro ano do ensino fundamental. Esse fato revela indícios de que uma prática pedagógica dialógica e afetiva na educação infantil, que visou envolver as crianças por completo no contexto desafiador também para elas, poderá potencializar ricas aprendizagens que impactarão suas trajetórias de desenvolvimento no ensino fundamental, especialmente na leitura e na escrita.

“Memórias afetivas da escola” não foi apenas um nome escolhido aleatoriamente para a professora enviar às crianças da turma “sacolinhas” a cada mês. Foi uma metodologia de trabalho pensada para professora e crianças sobreviverem aos medos e inseguranças postos pela Pandemia. Essa proposta de trabalho primou pela recuperação das memórias da escola, nas crianças, ou seja, a partir de imagens fotográficas, de músicas do repertório escolar, cada criança ativar sua memória e falar sobre as suas vivências individual e coletiva na escola. As crianças precisavam falar, precisavam ter com quem conversar também.

**Contribuições dos Autores:** Santos, M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Beiju S. M. X.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**Aprovação Ética:** Não aplicável.

**Agradecimentos:** Não aplicável.

## REFERÊNCIAS

Alves, N. (2019). Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In: alves, N. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 115-134.*

Alves, N., & brandão, R. (2017). Repetições e diferenças em cotidianos na/da/com a educação infantil. *Em Aberto, 30(100), 95-104.* <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3275>

Alves, N. G. (2003). Cultura e Cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação, 23(23), 62-74.* <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200005>

Alves, N. (2001). Imagens das Escolas: Sobre Redes de Conhecimentos e Currículos Escolares. *Educar em Revista, 17, 53-62.* <https://doi.org/10.1590/0104-4060.219>

Anjos, C. I., & Drancisco, D. J. (2021). Educação Infantil E Tecnologias Digitais: Reflexões Em Tempos De Pandemia. *Zero-a-Seis, 23, 125-146.* <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79007>

Aracaju. Decreto nº 6.101 de 23 de março de 2020. (2020). Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública em decorrência da disseminação do vírus COVID-19. *Diário Oficial do Município de Aracaju, Aracaju, SE.*

Araújo, M. S., Faria, D. T. B., Celestino, J. M. C., & Sousa, R. D. (2021). Janelas da quarentena: experiências latino-americanas de formação entre docentes do Brasil e Peru. *Revista Inter-Ação*, 46(1), 276–293, 2021. <https://doi.org/10.5216/ia.v46i1.65120>.

Brasil. (2009). Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Conselho Nacional de Educação (Distrito Federal). Parecer CNE/CP nº: 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, p. 32, 28 abr. 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192).

Elliot, J. (1990). *Investigación-acción en educación*. Madri: Morata.

Ferreira, L. G., Ferraz, R. C. S. N., & Ferraz, R. D. (2022). Educação como direito público: reflexões sobre a aprendizagem em tempos de pandemia. *Práxis Educacional*, 18(49), e11810. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.11810>

França, A., & Furlin, N. (2023). Educação e desigualdades digitais durante a pandemia da COVID 19: análise da produção científica. *Revista Linguagem, Educação e Sociedade*, 27(53), e3667. <https://doi.org/10.26694/rles.v27i53.3667>

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora paz e Terra.

Freire, P. (1997). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'água.

Girardello, G. (2020). “Eu tenho uma coisa pra contar”: Inspirações para a escuta das narrativas infantis. *Revista da FUNDARTE*, 42, 01-20. <https://doi.org/10.19179/2319-0868.791>

Hodges, C. (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *EDUCAUSE Review*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergencyremote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 06 maio 2023.

IBGE (2022). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: tecnologia da Informação e Comunicação - PNAD Contínua*. Brasília.

IBGE (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua*. Brasília.

Lima, A. P. C. T., & Andrade, J. J. (2022). O brincar possível em tempos de isolamento: O desenvolvimento das funções psíquicas superiores da memória e da imaginação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 17(2), 1254-1271. <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.2.16055>

Pereira, A. C. R. (2022). Os Desafios do uso das Tecnologias Digitais na Educação em tempos de Pandemia. *ETD- Educação Temática Digital Campinas*, 24(1), 187-205. <https://doi.org/10.20396/etd.v24i1.8665777>

Schön, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.

Sergipe (2020). Decreto nº 40560 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre emergência na saúde pública do Estado de Sergipe em razão da disseminação do vírus COVID-19. *Diário Oficial do Estado de Sergipe, Aracaju*.

Silva, I. J. C. (2022). Reflexões da Psicologia do Desenvolvimento Infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(11), 220-233. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i11.7578>

Silva, R. L. M., Rodrigues, M. C., & Silveira, F. F. (2012). Teoria da Mente e Desenvolvimento Social na Infância. *Psicol. pesq.* 6(2), 151- 159.

Stange, N. N., Silva, A. F. M., Canseco, A. B., Lima, W., Ramos, R. F., Deus, M. D., Lopes, F., & Vieira, M. L. (2019). Interações sociais de crianças de três a quatro anos em instituição de educação infantil. *Rev. Psicol.* 18(2), 37-49.

Tavares, M. T. G. (2021). Impactos da pandemia de COVID-19 na educação infantil em São Gonçalo/RJ. *Zero-a-Seis*, 23, 77-100. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e78996>

Teixeira Kanashiro, P. R. (2021). Exclusão digital, desigualdade e iniquidade: ensaio sobre a educação pública em tempo de isolamento social. *Olhar de Professor*, 24, 1-9, 2021. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.16145.054>

**Recebido:** 21 de julho de 2023 | **Aceito:** 2 de novembro de 2023 | **Publicado:** 29 de dezembro de 2023



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.